



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS V
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

KAIO MARCELO SOARES SOUZA

**DO ABORTO E DO VALOR DA VIDA: UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO SOBRE
A POSIÇÃO DO BIÓLOGO QUANTO À PROTEÇÃO DA VIDA**

JOÃO PESSOA

2017

KAIO MARCELO SOARES SOUZA

**DO ABORTO E DO VALOR DA VIDA: UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO SOBRE
A POSIÇÃO DO BIÓLOGO QUANTO À PROTEÇÃO DA VIDA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado em nível de Graduação, ao Bacharelado em Ciências Biológicas, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Ciências Biológicas.
Área de concentração: Ecologia

Orientador: Prof. Dr. Márcio Adriano dos Santos Dias

JOÃO PESSOA

2017

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S729d Souza, Kaio Marcelo Soares

Do aborto e do valor da vida [manuscrito] : um estudo fenomenológico sobre a posição do biólogo quanto à proteção da vida / Kaio Marcelo Soares Souza. - 2017.

47 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2017.

"Orientação: Prof. Dr. Márcio Adriano dos Santos Dias, Departamento de Ciências Biológicas".

1. Bioética. 2. Abortamento. 3. Biólogo. I. Título.

21. ed. CDD 174.957

KAIO MARCELO SOARES SOUZA

**DO ABORTO E O VALOR DA VIDA: UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO SOBRE
A POSIÇÃO DO BIÓLOGO QUANTO À PROTEÇÃO DA VIDA**

Artigo, apresentada (o) em cumprimento de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduação em Ciência Biológicas.

Área de concentração: Ecologia.

Aprovada em: 07/08/2017.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Márcio Adriano Dos Santos Dias (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Marcos Antônio Jerônimo Costa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. José Tadeu Batista de Souza
Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)

A Jesus, o cordeiro de Deus que amou, ainda quando eu era substância informe no ventre de minha mãe,
DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Jesus, o Cristo, príncipe da paz e Rei sobre toda a criação.

A minha mãe, Adriana, pelo amor e orações em todos os dias até aqui; e ao meu pai, Marcílio, pela amizade e apoio de todos os tipos: emocional, material, etc. Agradeço a eles pela paciência para comigo, além dos constantes incentivos aos meus estudos.

A minha linda noiva, Ítala Tavares, que foi um braço forte para me apoiar em todos os momentos, dedicando tempo, amor e companheirismo.

Agradeço a minha irmã, Kívia, pelo carinho dedicado, preocupação e momentos que passamos juntos.

A toda a minha família: avós: Raimundo (*in memoriam*) Isolda, Cícero e Divalci, tios, tias, primos e primas pelos momentos de alegria juntos, essenciais para a minha formação.

Agradeço aos amigos: Valcemir, Kaio Vinícius, Glauber e Lucas pela amizade, que mesmo à distância, sempre foram grandes irmãos prontos para as longas horas de conversa.

A meu amigo Pedro Jusselino pela grande ajuda na fase de pesquisa e coleta das entrevistas.

A TODOS meus colegas de classe, meus mais sinceros agradecimentos.

A todos os amigos que fiz na UEPB nesses últimos anos, em especial: Jonas Emanuel, Neto, Bárbara, Jefferson, Misael, Élder etc.

Ao meu orientador, Márcio Adriano dos Santos Dias, pela amizade e por ter aceitado o convite para me orientar.

A todos os professores da graduação que fizeram parte dessa jornada.

Aos professores Dr. Marcos Costa e José Tadeu por participarem da banca examinadora, meu muito obrigado.

“El hijo no es lo que es. Es alguien. No un qué, sino un quién, alguien a quien se dice tú, que dirá en su momento, dentro de algún tiempo, yo. Y este quién es irreductible a todo y a todos.”

Julian Marías

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	08
1.1	Bioética e Ciência.....	08
2	O método.....	10
2.1	<i>O problema de uma abordagem quantitativa no presente estudo.....</i>	11
2.2	<i>As etapas da pesquisa</i>	12
2.3	<i>Discriminação das unidades de sentido</i>	13
3	Resultados	25
3.1	<i>“Ética antropocêntrica” x “Ética Biocêntrica”</i>	26
3.2	<i>Abortotamento e início da vida.....</i>	30
3.3	<i>Ética relativista e o problema do abortamento.....</i>	34
3.4	<i>O problema da especialização frente às questões da bioética.....</i>	37
4	CONCLUSÃO	
	REFERÊNCIAS	
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO	

RESUMO

O presente estudo problematizará acerca da visão dos biólogos sobre abortamento voluntário¹ e questões relacionadas ao valor da vida. Pois, dependendo do contexto onde este está inserido, o mesmo tem a responsabilidade quando inquirido, de conceder respostas a esses dilemas. Sendo assim, espera-se que este tenha sensibilidade e formação suficientes para exprimir opiniões sobre tais temáticas. Por este motivo, o projeto propôs um estudo científico, orientado a partir do método fenomenológico de Di Giorgi, sobre a visão dos biólogos que atuam no âmbito universitário no que tange ao abortamento voluntário. Tendo o objetivo de apreciar criticamente, a partir da pesquisa feita com biólogos sobre os temas citados anteriormente e, mostrando que existe uma incompatibilidade entre a ética profissional do biólogo e as opiniões em prol da interrupção voluntária da gravidez.

Palavras chave: Bioética. Abortamento. Biólogo

¹ O termo abortamento voluntário, se refere ao ato planejado de um agente em interromper a gravidez conscientemente.

INTRODUÇÃO

1 Bioética e Ciência

No panorama global de desenvolvimento científico-tecnológico, a ciência experimental parece tomar cada vez mais o *status* de detentora única do conhecimento, tentando assim, explicar toda a realidade em termos puramente físicos. De acordo com essa perspectiva, existe a pretensão de que não há qualquer conhecimento que a ciência experimental não possa sondar.

Por esse motivo, o conhecimento de outras áreas nas discussões sobre valor da vida tornou-se cada vez mais secundários no cotidiano do cientista, passando este a criar tecnologias sem refletir sobre as consequências da prática científica para a vida na terra e para a vida humana. Apesar desse modelo especializado de ciência estar em voga ainda hoje como exclusivo (e excludente), na década de 1970, foi criado o relatório de Belmont², onde foram definidos os primeiros princípios para proteção de seres humanos, sujeitos a experimentação, evidenciando as lacunas e falhas do método científico, principalmente, quanto a certa concepção do fenômeno da Vida entrelaçado ao da Existência humana. Neste sentido, aquele relatório foi criado, para apresentar os princípios do *respeito* pelas pessoas, *beneficência* (fazer o bem) e a *justiça* (tratar com equidade), posterior aos horrendos atos de tortura promovidos pela ciência em boa parte de sua perspectiva eugênica, destituída de tais princípios. (LOCH, J, DE. A. 2002, p. 1).

Ainda na década de 70, refletindo sobre essas práticas de tortura, o surgimento da bomba atômica, a devastação ambiental, fez com que o médico Estadunidense Van Rensselaer Potter, designasse e definisse pela primeira vez o termo *Bioética*, tentando tornar a ciência mais humanista e menos pragmática. Potter tentou ultrapassar o dualismo que existe até hoje, entre os “fatos”, estudados e verificados pelo método científico; e aquilo que não é “testável”, por exemplo, o universo dos valores, da ética, etc. (DALL’AGNOL, DARLEI. 2004). Para POTTER apud PESSINI, L. (2013, p. 11):

Se existem duas culturas que parecem incapazes de dialogar – as ciências e humanidades – e se isto se mostra como uma razão pela qual o futuro se apresenta duvidoso, então, possivelmente, poderíamos construir uma ponte para o futuro, construindo a bioética como uma ponte entre as duas culturas.

²Disponível

<<http://www.ims.ufba.br/cep/sereshumanos/documentos/internacionais/Relatorio%20Belmont.pdf>>

Potter queria fazer uma interseção que pudesse pensar a relação da ação humana na ciência com o meio ambiente, promovendo uma abordagem mais geral dos problemas da bioética. Apenas com a publicação do relatório de Belmont em 1978, que teve início discussões mais estreitas sobre a proteção da vida humana, e problemas relacionados à assistência a saúde. Dentro deste novo enfoque, discussões relacionadas à eutanásia, começo e fim da vida, tomaram lugar nos debates entre cientistas, filósofos, juristas, religiosos, políticos, sociólogos e psicólogos.

A bioética, por sua vez, tornara-se cada vez mais dependente dos conhecimentos dessas áreas para promover as discussões da ação correta em relação à vida, reafirmando a postura transdisciplinar proposta por Potter. Com isso, independente do conteúdo das discussões bioéticas levantadas, foi defendido neste trabalho, que dependendo da área de atuação do profissional, certas posturas diante da vida humana e extra-humana, são incompatíveis com a ética profissional, bem como com os deveres morais como cidadãos.

Por esse motivo, não diferentemente de outros cientistas, o profissional Biólogo, seja ele pesquisador ou professor, ao ser impelido a responder sobre questões de ordem bioética, *deve* sempre ponderar se seus posicionamentos estão de acordo à sobrevivência da vida humana e não humana, em sua originalidade. Neste sentido, o problema foi abordado por Jonas (2008, p.40) ³ por meio de seu princípio da responsabilidade que afirma: "Age de tal forma que os efeitos de tua ação sejam compatíveis com a permanência de uma vida humana autêntica⁴ sobre a terra". Este imperativo é importante para o problema da interrupção da gravidez, pois, caso o embrião-feto seja pertencente à humanidade, o efeito que pode ser deduzido, é que a interrupção da gravidez, é, necessariamente, um impedimento à existência de uma humanidade autêntica na terra. Isso implica numa negação da permanência dos outros humanos abertos à existência em sua condição de originalidade, ou seja, reconhecido o estatuto de dignidade do humano em sua natureza de ser mais autêntica, a ser respeitada esta exigência fundamental remetida ao plano ético-valorativo das ações e práticas humanas.

Não diferente de todos os outros problemas em torno da vida, o início da vida intrauterina, é de ordem biológica; e as opiniões sobre seu surgimento podem ser motivadas

³ Hans Jonas foi um importante filósofo Judeu, que teve grande parte da sua vida voltada para a reflexão sobre questões de ordem ética e, neste prisma, refletiu sobre a ação do homem sobre sua influência na vida humana na terra, além da vida de outros animais (BINGEMER, 2008 apud JONAS, 2008, p. 17-18).

⁴ Essa "vida humana autêntica", diz respeito ao humano em seu estado natural, não sendo modificada sua constituição física ou espiritual, que possa provocar uma mudança de percepção dos seres humanos em relação a outros seres humanos.

por fatores ideológicos⁵, religiosos, ético-filosóficos e científicos. Sendo assim, o problema do abortamento voluntário, pode ser abordado, também, a partir da experiência de pesquisadores que trabalham com a vida como um todo, podendo o biólogo não só ter uma visão do abortamento influenciada por fatores científicos, mas por fatores não científicos fora da égide do método experimental, focado apenas ao materialismo⁶ e positivismo⁷, sobre o fenômeno da Vida como um todo e da existência humana.

Neste ponto de vista, o presente estudo pretendeu realizar a pesquisa a partir do método fenomenológico, a respeito da visão de biólogos que atuam na área do ensino e da pesquisa, sobre o problema do abortamento voluntário.

2 O método

A pesquisa fenomenológica tem como objetivo o estudo dos fenômenos como são dados pela experiência subjetiva relacionada à polaridade objetiva da pesquisa, ou seja, aos atos de fala enquanto polaridade objetiva dos sujeitos da pesquisa. O conceito de fenômeno utilizado aqui se refere aquilo que se torna visível na consciência de um sujeito, ao perceber um determinado objeto. (MOREIRA, D. A. 2002. p. 65). Em decorrência disso, o pesquisador que se dispõe a trabalhar com esse método, tem como objetivo captar o eu é dado na consciência do entrevistado, por meio da fala do mesmo. Por isso, ao estudar um determinado fenômeno, o pesquisador não deve possuir ainda, hipóteses preestabelecidas, pois é necessário que:

o pesquisador deixe de lado tudo o que ele já conhece ou supõe acerca do fenômeno. Esta etapa corresponde à *epoché*, que implica a suspensão de qualquer hipótese que antecipe a realidade a ser investigada. Não cabe, portanto, a apresentação de hipóteses no projeto de pesquisa fenomenológica. (GIL, A. C. 2010, p. 5).

E, reforçando esta senda científica de investigação, ainda, segundo Coltro (2000, p. 3):

⁵ A opinião pró-aborto, tem sido defendida fortemente baseada nesses fatores, como no caso do movimento feminista;

⁶ De maneira geral, pode-se definir como a crença em que tudo no universo físico, tem explicação, somente e causa, apenas na matéria. (ABBAGNANO, N. 2007. p. 649)

⁷ A ideia de positivismo aqui é, precisamente, o dogma de ter na ciência, a única forma de conhecimento possível e seu método, o único que pode alcançar a verdade. (ABBAGNANO, N. 2007. p.777)

Esse método tem como objeto de investigação o fenômeno, ou seja, o que se mostra a si e em si mesmo tal como é. Como principal instrumento de conhecimento, o método adota a intuição, uma vez que, segundo Husserl, as essências são dadas intuitivamente. Esta intuição pode ser compreendida como uma visão intelectual do objeto do conhecimento, onde uma visão intelectual do objeto do conhecimento, onde visão significa uma forma de consciência na qual se dá originariamente algo – é o fundamento último de todas afirmações racionais.

A clareza com que o fenômeno é dado à consciência, está relacionada à percepção da essência do fenômeno como é dado pela experiência, pois, o que é dado, é feito de maneira imediata na consciência do pesquisador. Neste estudo, as essências identificadas se tornam claras, à medida que as análises das descrições do fenômeno estudado a partir das falas dos sujeitos da pesquisa, demonstram a existência de núcleos comuns de conteúdo.

A delimitação do problema e dos objetivos de uma pesquisa dirigida por este método retiraria a ideia central de apreensão do que é essencial no fenômeno, pois provocaria a falha na percepção do pesquisador em relação ao problema. Isso se relaciona com outra característica essencial do método, que diz respeito à sua flexibilidade, não exigindo uma compreensão e uma definição clara do objeto a ser estudado, pois, nesta etapa, o problema ainda não está bem definido pelo pesquisador:

[...] problema nesta etapa não está ainda bem definido pelo pesquisador. Ele corresponde mais a uma insatisfação do pesquisador em relação àquilo que ele pensa saber sobre algo. Ou algo o incomoda, gerando uma tensão que o leva a buscar a essência do fenômeno. (GIL, A. C. 2010, p.4).

Além disso, existe uma espécie de conflito intrínseco do problema que gera uma tensão, impulsionando o pesquisador a explicitar objetivamente a essência do fenômeno, ou seja, a expressão de unidades de sentido e significação.

2.1 O problema de uma abordagem quantitativa no presente estudo

O presente método foi escolhido por se admitir que a abordagem quantitativa não se adequasse da melhor forma para entender o mundo das vivências humanas, dentro de seus contextos, que, no caso, é o da formação do biólogo e sua relação com o problema do abortamento induzido. Este aspecto central das vivências no mundo circundante experimentado como mundo da vida (Lebenswelt), constitui uma nota fundamental que falta por suficiência ao método exclusivamente qualitativo. Assim sendo, apesar da grande resistência que existe à pesquisa qualitativa, entende-se que, como o ser humano não é mais

um elemento passivo da natureza, e estudado da mesma forma que esta, ele, o ser humano, interpreta livremente o seu ambiente (Unwelt). (MOREIRA, D. A. 2002. p. 44). Aqui nos propomos em encaminhar uma experiência investigativa fenomenológica em termos quali-quantitativo, evidenciando a flexibilidade que o método fenomenológico sugere ao ser usado como ferramenta de apreensão e compreensão de sentido, da consciência do mundo da vida em que nós estamos situados existencialmente.

Assim, a fenomenologia serviu neste estudo, para captar a essência do que é dado na consciência de biólogos, pois a ciência sugere uma compreensão em conjunto dela mesma em seu ato científico-existencial, ou seja, exige uma consciência sobre temas e problemas surgidos em seu fazer, como no caso do abortamento e do valor da vida, a partir da vivência constante que estes possuem com o tema da vida. Para alcançar este objetivo, e sob a direção do método fenomenológico quali-quantitativo empregado por de Di Giorgi, foram entrevistados sete professores que também trabalham na área da pesquisa, para responder as perguntas sobre o determinado tema.

2.2 As etapas da pesquisa

Primeiramente, os biólogos foram instruídos sobre o conteúdo da pesquisa e em seguida foi assinado por todos os envolvidos, o termo de livre consentimento esclarecido. As entrevistas foram gravadas, transcritas no programa “Evernote”, sendo posteriormente apagados do gravador. Esse método caracteriza-se pela identificação das chamadas “unidades de sentido”, que são temas encontrados com mais recorrência em todos os discursos dos entrevistados, e que passam a constituir em seu aparecimento nos discursos a essência doadora de sentido (Sinnggebung) do fenômeno estudado. Ocorre assim, uma série de conotações dos temas em apreço ou essências identificadas nos discursos dos entrevistados, permitindo um “desenho” significativo do problema que foi investigado. Portanto, a pesquisa foi dada em basicamente cinco passos:

1. Sucessivas leituras foram feitas para adquirir o sentido geral;
2. Foram discernidas as unidades de sentido;
3. Buscou-se o mais revelador dentro das unidades;
4. Estruturaram-se as unidades de sentido para entender a experiência de cada sujeito
5. Feito isso, após analisadas todas as unidades de sentido, buscando as mais representativas para o fenômeno em estudo, se chegou ao sentido mais essencial, e ainda o

mais objetivo a partir dos discursos dos sujeitos da pesquisa que sustentaram suas arguições, a visão de mundo de cada envolvido na pesquisa numa compreensão conjunta. Portanto, após ter sido especificada cada uma das unidades de sentido, elas foram estruturadas de modo a facilitar o entendimento do fenômeno em estudo, (o do abortamento na visão dos biólogos), e a partir daí, foi possível tecer as devidas análises para o fenômeno em questão.

2.3 Discriminação das unidades de sentido

Nesta etapa, poderá ser entendido como o método foi aplicado, ajudando o leitor, a compreender a forma como o estudo foi conduzido. Por isso, foram colocadas todas as transcrições das falas dos participantes para que o leitor possa ele mesmo ver como essas unidades de sentido, são, e foram discriminadas neste trabalho.

Além disso, quanto às justificativas para violação ou intervenção na vida, mesmo tendo apresentado discursos comuns em questões distintas, optou-se por focar nos discursos comuns, dentro das questões propostas.

Questão 1

Na primeira pergunta do questionário, apesar de ter ocorrido respostas semelhantes, não foi encontrado nenhuma unidade de sentido que pudesse ser analisada para este estudo. Essas respostas que se assemelharam, poderiam basicamente ser substituídas por “sim, deve ser preservada” e “não, há casos que podem ser preservadas”, pois os comentários que expunham o problema, não formaram à unidade necessária entre dois ou mais dos entrevistados.

E1 – *“Na verdade como biólogo, qualquer vida deve ser preservada. A vida humana vai nesse mesmo sentido. Não sendo um melhor ou pior do que qualquer outra. Então, como biólogo...⁸ A vida em si, é uma coisa interessante, sem misticismo, sem nada, como um fato de estudo. Também não tem essa preferencia que a vida humana deve ser preservada acima de tudo em detrimento de outras coisas. Na verdade, todas vão ter o mesmo patamar.”*

E2 – *“Em algumas situações ela pode ser... eu não diria nem violada, pode ser interrompida. No caso específico do aborto, seria um risco para a vida da mãe ou uma situação, em que, comprovadamente a criança não teria sobrevivida nenhuma.”*

⁸ Durante o decorrer das transcrições, o leitor irá se deparar com o recorrente uso de reticências, utilizadas para ocultar a quebra de nexos de raciocínio, palavrões e pausas feitas pelos professores durante as falas destes.

E3 – *“Pra mim, é que é uma situação delicada, né? Sobre a vida humana. O que você define como, vida humana? Em que estágio de vida humana você tá se referindo? Eu acho que a vida humana de uma pessoa formada, deve ser preservada. Essa é pelo menos, a minha opinião.”*

E4 – *“Considerando como biólogo, a vida de maneira geral, ela tem que ser preservada. Isso é minha concepção como biólogo. Agora, veja só: eu estou sendo extremamente técnico. Quando a gente passa para uma visão de cidadania, evidentemente, há situações que a questão técnica não pode ser levada em conta.”*

E5 – *“Eu acredito que há casos em que ela pode ser violada. Por exemplo... Acho que num caso de estupro, eu acho que seria coerente, porque, uma vida foi gerada numa violência extrema, como é no caso do estupro, eu acho que sim.”*

E6 – *“Olha essa não é uma abordagem fácil! Eu considero a possibilidade dessa vida ser violada em alguns aspectos. Não tenho, ainda, muita clareza, quais seriam esses aspectos. Mas por exemplo: uma gravidez em que você tem uma criança sem cérebro, como tem alguns casos. Que contexto difícil é esse, pra mãe que está lidando com essa gestação e com o futuro dessa vida. Eu realmente acho muito penoso a continuidade de uma gravidez desse tipo. Outros momentos que ponham em risco a vida da mãe. Eu acho que a mãe tem, na minha concepção, ser ouvida, se ela quer continuar essa gravidez. E aí, indiferente do estágio da vida que ela está carregando. Enfim, acho que a mãe tem esse direito. É uma legítima defesa num caso desse.”*

E7 – *“Eu acho que há casos em que ela pode ser violada, como prevê hoje as leis brasileiras. No caso, a mulher que tá grávida gerada por estupro, ou se a vida da mãe está em risco.”*

Questão 2

Diferentemente da primeira questão, as unidades de sentido são dadas claramente ao leitor atento. Para facilitar a visualização, as unidades de sentido foram colocadas em itálico para eu o leitor possa captar o modo como foram discriminadas na presente pesquisa. Como é possível verificar, os entrevistados E1, E3, E4 e E5, possuem uma clara consonância no discurso, que se integram na seguinte unidade e sentido: **visão de que a vida do humano tem mais valor que a vida animal não passa de uma construção.**

A unidade de sentido acima teve abordagens que justificaram a ideia como sendo uma construção social, ou ainda, no caso do E4, algo construído a partir da visão que o homem tem de si mesmo no mundo.

E1 – “Não. Essa questão de valor diferenciado é uma questão mais religiosa do que biológica. Então, não tem essa de que um vale mais e outro vale menos. Como falei na outra pergunta, elas têm o mesmo valor biológico; Essas e outras regras, que a gente cria, vêm muito do antropocentrismo nosso que vem junto dessa questão da diferenciação da vida humana, da vida não humana, ou outros animais. Isso é uma construção social, antropocêntrica.”

E2 – “Não, é o mesmo valor. Mas, nós fazemos uso de algumas espécies, então a gente utiliza as espécies com diversas finalidades como: alimentação. Né? E isso, é encarado para algumas pessoas, como dando valor diferente. Eu não vejo como valor diferenciado, só que eu encaro como uma coisa... Seria como uma ética utilitarista, até diria... Faz uso das espécies de acordo com a utilidade que ela nos tem, como ocorre com várias espécies na natureza. Várias espécies fazem uso de outras, seja para predação, comensalismo, parasitismo.”

E3 – “Não! De forma alguma! Não, por que não tem essa questão de que, nós poderíamos dizer: especismo. Né? "Somos mais importantes". Não. Acho que não tem essa não. Pra mim, vale tanto quanto a vida de qualquer animal aí. Novamente minha opinião: não acho que humano tem alguma coisa de especial em relação a outros seres. Isso é uma construção social.”

E4 – “Olha, com relação ao biólogo não. Por que nós seres humanos encaramos que o planeta foi feito para atender ao ser humano, e essa visão errada. Entendeu? Nós seres humanos encaramos que o planeta foi feito para atender ao ser humano, e essa visão é errada. Entendeu? Nós quanto componentes da biota somos iguais às plantas, aos animais, afim, a todos os seres vivos. Nós não somos melhores nem piores, nós somos mais um componente. Entretanto, a visão errada é de que o planeta foi feito pra gente.”

E5 – “Eu acho que... Valor diferenciado... Quando se trata de vida humana, a gente tem uma cultura, a gente tem toda uma construção que torna... Essa visão meu... Como é que

eu posso dizer?! Essa visão com um determinado valor. Essa visão com um determinado valor. Para a humanidade, digamos assim, a vida humana, ela tem um valor maior que a vida animal. Não que seja uma vida diferente, mas há uma construção cultural por trás de tudo isso. Dependendo da cultura que você esteja trabalhando, a vida humana tem um peso maior... Por exemplo, se a gente voltar nas sociedades antigas, à gente tinha seres humanos eram tratados como escravos; e como sendo tratados como escravos a vida humana, havia um peso distinto. Acho que dependendo da vertente que você está tratando; da humanização que se dá a esse processo. Quando a gente, por exemplo, pensa, em mamíferos, a gente percebe que no mamífero há uma grande semelhança. Quando a gente fala, por exemplo, quando a gente vai num zoológico, e se depara com um primata, as reações que eles fazem, o olhar dele nos diz muito. Então, há uma afetividade, uma simpatia muito grande quando a gente se depara com isso. A gente, por exemplo, quando encontra uma barata, que é um ser vivo com um sistema extremamente complexo, mas, muita gente tem pavor, geralmente tentam exterminar. Mas isso é vida!”

E6 – “Sim. Na minha compreensão sim. É difícil a gente lidar com uma situação, que a gente se posicione como pessoa, para além de bióloga. As minhas colocações são como cidadã, que é uma professora de universidade e é bióloga. Sim, eu acho diferente. Se você pensa como biólogo (a), nós somos onívoros, nós comemos animais, plantas, e passamos por uma evolução cultural diferenciada dos animais. A gente prevê as coisas. É diferente! Agora, culturalmente, existe algumas culturas que é permitido comer humanos. Isso é completamente abominável, a não ser, em caso de sobrevivência. Nós somos distintos dos animais. Somos eternamente inacabados, querendo sempre estar melhorando. Não que o animal seja acabado evolutivamente, mas ele não lida com essas angústias que nós lidamos. Nós estamos constantemente adaptando o meio pra sobrevivermos. Somos seres diferenciados sem dúvida. Isso não quer dizer, que tenhamos uma relação de desrespeito com os animais. Não é fácil! Pois, a partir do momento que eu coloco como diferenciados, esses respeito, aí, há de ser trabalhado.”

E7 – “Eu acho que sim. Por exemplo: se você tivesse no trânsito, entre você jogar o carro encima de uma pessoa e de um cachorro, eu preferiria a vida da pessoa.”

Questão 3

Assim como na primeira, não foi identificada nesta questão, nenhuma unidade de sentido que pudesse ser analisada. A ideia de importância da experiência como biólogo para os entrevistados apresentaram informações bastante díspares, desde negando quase que completamente essa importância ou dando um caráter não central para este problema.

E1 – *“Não sei. Mas eu acho que é mais uma construção social isso. Na verdade... Essa questão do aborto é muito doida porque ela é simplesmente baseada num preceito moral construído de uma sociedade, assim... Careta. Mais cristão, na verdade. Ela não tem a ver, na verdade, nem com a própria sociedade em si. Ela tem a ver com a sociedade cristã; valores cristãos, né? O aborto, ele tem mais a ver com uma construção social. Evidentemente, o posicionamento de profissões vai mudar um pouco, pela própria formação que você tem e a visão de mundo que você tem. Mas eu acho que é mais uma questão de princípios morais e éticos, talvez, do que uma questão de ser biólogo. Talvez ajude um pouco eu ter sido biólogo, mas não seja um determinante.”*

E2 – *“Sim. Mas, eu acho que além da formação como biólogo, tem uma questão muito religiosa, ou filosófica. Porque eu conheço vários biólogos que são contra; vários biólogos que são a favor. Então, eu acho que o fato de ser biólogo não é determinante. No meu caso, sim! Pois, eu vejo a vida além de uma... Assim, o fato eu ser biólogo, eu consigo enxergar questões sobre vida e sobre aborto, por exemplo, não só sobre o ponto de vista social ou ético, religioso, moral, mas você tem uma questão biológica, por exemplo, o fato de você saber que uma criança não vai ter sobrevivido, é uma questão biológica. Então, você tem que saber pesar também esse lado biológico. Mas o fato de ser biólogo não é determinante.”*

E3 – *“Acredito que não! Acredito que minha condição como biólogo, não tem relação, às minhas convicções em relação a ser favorável ou contra o aborto. Eu acho que talvez, as pessoas, elas mais que entendam isso em relação ao âmbito religioso. Né? Eu não vejo a minha concepção profissional interferindo nesse assunto. Não encaro dessa forma. Tanto para negar, como para afirmar. Acredito que o meu entendimento como biólogo, pelo menos em relação a ser favorável ou não ao aborto isso não influencia em minha opinião. Não é a questão, do que vai ser o aborto. Qual é o motivo que está sendo levado em conta o aborto!?”*

E4 – *“Olha, assim... Com relação quanto a minha participação como biólogo, na experiência que tenho desde quando eu terminei o curso de biologia que eu trabalho dentro da universidade, eu nunca tive essa oportunidade de discutir isso. Eu nunca fui um formador de opinião sobre esse tema específico, pois eu trabalho numa linha completamente diferente de pesquisa. Sinceramente, no meu ponto de vista, isso foge muito mais à questão de profissionalismo para uma questão mais cidadã mesmo. Independente de eu ser biólogo, químico, físico, que eu acho que é um tema que entra por tantas vertentes, inclusive religiosas, que não pode ser colocada para um profissional.”*

E5 – *“Eu acho que não. Depende muito do ambiente cultural que a gente vive. Acho que a sociedade impregna muito, em parte, por exemplo, acho que a sociedade pesa muito mais que o indivíduo. A gente vê em países em que a cultura está em desenvolvimento econômico pleno, e que as pessoas são mais esclarecidas, talvez, aí, tenha uma influência. Na nossa cultura, por exemplo, nós evitamos muito sermos assertivos, e nenhum momento expressamos o que a gente pensa, o que a gente acha. Porque, muitas vezes, essa informação caia nos ouvidos de outras pessoas, a gente é rechaçado, entendeu? Muitas vezes a gente não expressa à verdade.”*

E6 - *“Acredito que sim! Nos sentido de que, eu vejo a vida numa célula. Eu vejo toda uma potencialidade numa célula, como uma pessoa que não tivesse essa formação não veria. Eu tenho, para além de se pensar em aspectos religiosos, que eu os também tenho, e influenciam na minha posição, biologicamente, vejo uma vida numa célula. Eu sempre falo aos meus alunos, que ali, existe um conjunto de potencialidades únicas; um genoma único, enfim, isso é vida.”*

E7 – *“Sim. Por que pra mim, no momento da concepção já é vida. Não acho que seja um acúmulo de células somente. É vida.”*

Questão 4

A questão de informação científica (neste caso, a biologia) como fonte de informação para a discussão sobre o abortamento voluntário, teve uma unidade de sentido bem destacada: **Percepção de que o início da vida seja um fator importante no debate sobre o aborto.**

Apesar de ter ocorrido divergência de justificativas se a biologia teria importância nesta discussão, os entrevistados E1, E2, E4 e E6, deixaram claro a tendência de dar alguma importância sobre a questão do início da vida para o debate sobre o abortamento.

E1 – *“Pois é, é uma questão social. Uma questão de valores morais. A biologia... Acho que não tem muita preocupação em responder esse tipo de coisa. Ela talvez possa auxiliar numa definição, por exemplo, do que é vida do que não é vida; do que é consciência do que não é consciência, para que sejam tomadas algumas posições sociais, mas, é uma questão social de valores morais basicamente cristãos, ocidentais, que a biologia não tá nem aí pra isso, na verdade. Ela pode te auxiliar em algumas decisões em alguns embasamentos para isso. Mas é, na verdade, uma questão social.”*

E2 – *“Sim, Tem uma questão básica, que é: quando começa a vida? E aí a biologia tem um papel fundamental... Uma questão que se fala do aborto é: quando o feto começa a ter, por exemplo, sentir dor? Então, a biologia pode responder essa pergunta, né?! Quando é que começa a sentir dor. Ter alguma sensação de incômodo que poderia justificar: ah você não pode fazer aborto nesse momento porque o feto percebe, já tem várias sensações. Isso é papel da biologia.”*

E3 – *“Acho que sim, por que, essa questão que envolveria uma concepção mais multidisciplinar, seria assim: a biologia ela poderia fornecer o ponto de que “a partir desse determinado momento, esse feto, é um ser humano”, acho que a biologia pode dar essa resposta. A questão de interferir ou não no desenvolvimento, entraria numa questão mais ético-filosófica. Eu não encaro pelo menos no meu pensamento, como uma parte da biologia. A biologia pode guiar o pensamento: até aqui é um embrião formado, um feto, aí a questão de realizar ou não... A minha concepção moral, eu não encaro isso como um impedimento, ou não para tal. A biologia, eu acredito que ela forneça essa ferramenta.”*

E4 – *“Essa pergunta não é tão simples de responder. Lógico que a gente tem argumentos, tanto para ser contrário, como para ser favorável. Tanto é que dentro dos próprios biólogos, você tem correntes favoráveis como correntes não favoráveis.”*

E5 – *“Eu acho que... Essa parte ética é mais quem trabalha mais com a área com genética, com biologia molecular mesmo, acho que eles lidam mais com essa vertente.”*

E6 – “*Sim. Eu acho que em relação ao que eu já disse. Em relação à vida existir em uma célula. Mas auxilia a mim. Todo o conhecimento, a filosofia, a biologia, acho que todo ele auxilia. Não consigo descartar todo tipo de conhecimento.*”

E7 – “*Acredito que sim, justamente por isso que falei. A partir da fecundação do óvulo com o espermatozoide já é uma vida.*”

Questão 5

Abaixo o leitor poderá perceber que não houve em nenhum momento, um discurso que pode ser caracterizado como uma unidade de sentido que possa servir como base para as discussões do presente trabalho. Este fato, pode ter acontecido, por má compreensão dos entrevistados no que se refere a pergunta em questão. Isso pode ser identificado pela disparidade entre as resposta e a referida pergunta.

E1 – “*Acho que não. Se tu tá disposto a fazer um remédio, tu tem também está disposto (corte no raciocínio)...Tem um filósofo, chamado Peter Singer, ele é um grande defensor do direito dos animais. Mas ele faz no seu livro... Ele faz uma reflexão muito interessante disso aqui, que ele confronta os dois valores humanos. Né? Inclusive ele fala algumas coisa sobre aborto, que vai com a sua moral: você é a favor do aborto em humano, ou você é contra o aborto de humano, mas você aceita que se mate uma "vaquinha" pra te alimentar...qual a decisão que você toma, para uma vida ser preservada e a outra não ser preservada? Então, se você permite uma você deve permitir outra. Então, a grande questão dele, é que, como ele é um defensor do direito dos animais, ele diz: cara se você não permite que a vida humana, seja⁹ violada a vida humana não pode, também, ser violada. Ou você aceita a regra pra todo mundo, ou não aceita pra ninguém. Novamente, essa visão de que não pode fazer experimentação com humano, cara, é uma visão que... Claro que tem que ter o seus limites, um contexto social, onde tem gente que se encontra em situação vulnerável, capaz de fazer coisas loucas. Tem que ter uma regulamentação bem feita, mas, eu não vejo problema nenhum em fazer experimentação em humano. Tipo, se você vai lá e sujeita um cachorro a fazer isso, você também deve estar sujeito a ser alvo dessa experimentação. A regra é pra todos! Essas outras regras, que a gente cria, vem muito do antropocentrismo nosso que vem*

⁹ Os erros entre a linguagem falada e a língua formal, foram mantidos para evitar qualquer mudança de sentido no que foi dito pelos professores entrevistados;

junto dessa questão da diferenciação da vida humana, da vida não humana, ou outros animi. Isso é uma construção social, antropocêntrica. A gente acha que a gente é ... num é?!”

E2 – *“Sim. Claro. É o caso, né? Agora, eu sou objeto de experiência sua. E claro, a gente tem que ter uma consciência ética. Tudo que a gente vai fazer temos que ter agir dentro de princípios éticos. Seja numa simples entrevista. Ou procedimentos mais complexos que envolvam, por exemplo, coleta de material biológico, procedimentos invasivos, com certeza sim. Não pode deixar de ter essa visão ética.”*

E3 – *“Dependendo da área que você atua, como geneticistas, talvez eles necessitem mais dessa consciência ética. Mas acredito que dependendo é necessário, pois algumas coisas, às vezes, podem ser sensíveis né? Para determinadas... Para própria sociedade. É complicado, querer resumir isso em poucas palavras. É complexo! Eu entendo que talvez seja necessário, mas não vejo que tenha aqui na minha visão é que não tenha que ter essa visão tão ferrenha assim.”*

E4 – *“Lógico que precisa ter essa consciência ética. Com certeza! Tanto é que hoje, quando você faz determinada pesquisa, você pede autorização. Então, não só o biólogo, mas toda e qualquer pesquisa quando envolve as pessoas, tem que ter essa consciência ética.”*

E5 – *“Sim com certeza. O ser humano como objeto de experimentação é muito cruel, principalmente no sistema em que a gente vive, onde quem tem muito recurso pode bancar qualquer coisa, né? Essa questão de consciência já foi muito tratada dentro da filosofia. Nesse caso aí, vai ser uma consciência de ética. Eu acho que, primeiro: essa questão de consciência, que vem luz quando a gente tem conhecimento de uma coisa. Quando temos conhecimento e uma coisa, então a gente, geralmente, tem um senso de juízo de valor. Esses juízos de valores são construídos de acordo com determinadas vertentes. Por exemplo, se eu tivesse na minha formação básica, meus pais fossem cristãos, eu teria uma consciência voltada para a minha base, pra parte cristã. Se eu fosse budista, eu teria uma outra visão. Como a gente tá tratando de Brasil, a maior parte da população tem formação cristã, eu acho que em alguns momentos quando a gente faz biologia como uma ciência, e quando a gente trata de ciência, a gente trata de subjetivismo, pois, ciência é isso. Você recorta do universal ao particular, e tente mais ou menos retirar esse subjetivismo. Então, com a minha formação, completa, como cientista, a gente vai ser extremamente assertivo e objetivo. Dai*

justamente daquela questão: até o primeiro mês você não tem um sistema neural formado, de maneira que você não tem uma vida. Tem um projeto, um protótipo ali. Isso se eu for trabalhar com uma pessoa objetiva pura. Mas aí vem a parte ética, que é justamente essa daí, em que eu vou avaliar se isso é correto, se isso não é correto. Nesse processo de subjetivação, ela vai justamente me auxiliar a julgar o que é correto, do que é errado. Que por sua vez, isso é relativo, pois o que é errado pra mim, pode ser certo pra você.”

E6 – *“Sim. Acredito que sim. Não só em relação à vida humana, mas também na vida animal. Nós temos hoje, pra gente fazer pesquisa, não só com humanos, mas também com animais, a gente passa nosso trabalho para um comitê de ética que são pessoas, que vai nos alertar se estamos ferindo alguém na nossa pesquisa atual. A gente deve pensar a ciência para nos humanizar e isso é uma aquisição contínua, por que, creio eu... A gente lida com muitas questões que são do nosso tempo, mas outros valores parecem atemporais. Esse ter é aquisição contínua, na minha compreensão.”*

E7 – *“Sim. Mas eu acho impossível não ser objeto de experiência, mas depende da natureza dessa experiência, e se essa experiência está de acordo com princípios ético.”*

Questão 6

Para os entrevistados E1, E2, foi identificada uma unidade de sentido e para o E5 e E3, outra. Mesmo sendo a mesma pergunta para todos; as unidades de sentido são distintas, já que no método fenomenológico, a espontaneidade e a percepção do sujeito ante o problema e sua própria experiência aparecem de forma natural.

Na primeira unidade de significado foi: **A consciência ética em relação ao aborto deve ser de acordo com as convicções de cada indivíduo.** Na segunda unidade, o problema foi apontado para uma direção distinta: **Consciência ética depende da formação do sujeito, mas a área de formação não ajuda na resolução de questões éticas.**

E1 – *“Cara, a questão do aborto, é uma construção social! É um problema de saúde pública, é um problema de segurança pra mulher. É muito fácil eu dizer pra você, o que tu deve fazer. E aí as pessoas: "ah num pode matar uma vida,", mas pode jogar ela no mundo e deixar ela sofrer. A ética encima do aborto, é uma reponsabilidade social, e num pode ser uma decisão do estado. Eu tenho um grande problema quando as pessoas falam assim: "ah sou contra aborto... Por que todo mundo vai fazer aborto"... Como se fosse uma epidemia. Um vírus... E*

*as pessoas não entendem o drama de um aborto para uma mulher. A mulher quando decide fazer um aborto, ela passa por uma crise que o estado tem a obrigação de sanar essas coisas... As pessoas acham que é fácil. "ah liberou aborto, vão fazer aborto à vontade" não é por ai a coisa... Na verdade a liberação do aborto, encarando a sociedade como ela é,... Ninguém vai fumar maconha por que é proibido. E ninguém vai fumar maconha se ele não quer por que é liberado. As pessoas fazem as coisas dentro da sua percepção de mundo. **É uma questão de visão de mundo, e o que você acha correto na sua visão de mundo. Uma pessoa que acha errado fazer aborto, ela precisa simplesmente não fazer. Mas ela tem que dar oportunidade para aquelas pessoas que acham correto, acham uma saída viável, elas precisam ter a sua decisão respeitada. Então, essa ética, ela precisa ser moldada nessa construção.***"

E2 – “Então, ética como não é uma coisa universal, é uma coisa pessoal, então, aí depende de como a pessoa vai utilizar, ou quais são os princípios éticos da pessoa. Dependendo de como ela faça sua reflexão sobre essas questões morais, ela vai ter uma opinião a favor ou contra o aborto. Ser contra ou a favor, depende de como ela ver essa questão ética.”

E3 – “Sim. É que eu não saberia dizer, aqui, se existe essa relação tão grande do cientista biólogo em relação a essa questão do aborto. Eu não sei. Acredito que deve ter pessoas que são movidas por determinados interesses. Que veem algum conflito. Na área que eu atuo, por exemplo, essa questão de ética não tem valor algum. Pelo menos na minha área. É que é complicado! Eu sou -. Eu trabalho com -. - todo mundo quer morta, aí é difícil. Acho que é mais uma questão de convicção pessoal da pessoa.”

E4 – “Aí entra outros fatores, por exemplo, a questão da política do governo. Não existe no Brasil uma política séria em relação á educação para esse tema. Então, muitas vezes a gente vê famílias tendo muitos filhos, pois não há um programa organizado, onde as pessoas tivessem consciência sobre relação sexual. Então, dependendo da condição social, eu sou favorável.”

E5 – “Depende bastante. Acho que da formação da pessoa. Por exemplo, na minha época, nunca vi nenhuma disciplina de ética. A gente mais ou menos tateava, não tendo uma consciência ética muito elucidada. São as discussões, na verde, que vão nortear essa consciência.”

E6 – *“O que é o valor da vida humana? Agora tem outras questões a serem discutidas, por exemplo, de pessoas que não tem condições, ou até que não querem, pois, ter condições, envolve um querer também, ou que tenham opção de querer abortar, porquê não quer ter um filho. Algumas pessoas têm essa opção, outras não. Quando eu falo em ter opção, envolve todo um apoio logístico de interromper uma gravidez, desde financeiro, familiar, psicológico. Mas acho muito difícil concordar com o aborto, porque, aí eu penso na criança que nasce... Não sei. O que eu estou querendo chamar atenção, é que eu me sensibilizo de ter consciência que algumas pessoas, muitas pessoas têm amparo tem direito a esse amparo, e quem não tem, faz a interrupção a uma condição extremamente danosa. Em relação ao aborto, se ele é legal ou não, envolve dar acesso a algumas pessoas de interromper a gravidez de maneira menos traumática. Pois, quem tem recurso, vai fazer isso. Então, eu lido com essa contradição comigo.”*

E7 - Não soube responder

Questão 7

Como aconteceu em outras questões, não houve unidades de significado que pudesse mostrar um discurso comum, a não serem, opiniões muito sucintas e diretas que para o método fenomenológico, não capta ideias que fazem parte da vivência do sujeito e suas representações com o tema.

E1 – *“Acho que não é biológico, é uma questão social. O biólogo talvez te dê elementos, mas não é um campo, ou uma necessidade biológica. Mas não é um problema biológico em si. Pode ser de umas áreas correlatas da biologia.”*

E2 – *“Acho que seria aquela questão em que há um risco, que isso pode levar ao aborto.”*

E3 – *“Não sei responder...”*

E4 – *“Olha: que eu vejo no campo da biologia como aborto voluntário, eu entendo que numa má formação, eu sou favorável. Por exemplo, a criança é anencéfala e sabe-se que ela não vai sobreviver, e você deixar a mãe passar por todo o processo até o nascimento, apenas por uma questão ética ou uma questão religiosa ou jurídica, é uma maldade para a mãe.”*

E5 – “*Eu desconheço. Não é minha área. Essas informações são muito embrionárias na minha cabeça.*”

E6 – “*O risco de vida pra mãe é algo claro.*”

E7 - Não soube responder

3 RESULTADOS

3.1 “Ética antropocêntrica” x “Ética Biocêntrica”

Sejam os problemas da bioética, relacionados a questões sobre a proteção do meio ambiente, da vida animal ou da vida humana, esbarram muitas vezes em conflitos relacionados à natureza da Ética e de correntes de pensamento conflitantes, onde, um dos aspectos desses conflitos, se refere à questão da Ética Antropocêntrica e da Ética Biocêntrica¹⁰. Muitas alternativas têm surgido para solucionar esse problema, de modo que, se as consequências para a vida em geral não forem ponderadas, em vez de promover uma base Ética para agir com prudência perante a vida, poderá comprometer a existência da vida em geral.

A Ética biocêntrica, sencientismo¹¹ e ética da Terra, não possuem bases objetivas que as justifiquem. Neste contexto, entra-se a discussão entre Ética Deontológica e Ética Teleológica. A primeira, afirma que a diferença entre atos Bons de atos maus, é algo absoluto que independe da vontade humana e de suas convicções morais. Por exemplo: matar um inocente é uma ação reprovável, independente de nossas crenças morais. À vista disso, os valores morais, são fundamentados, na possibilidade de vida ulterior à morte, ou melhor, na existência de um Bem supremo, no qual esses valores se fundam.

¹⁰ Segundo FELIPE, S. T. (2009, p. 16), a ética biocêntrica define como: O bem próprio, na qualidade do valor moral mais elevado, deve ser compreendido como a totalidade da expressão da vida animal e orgânica, ainda que o indivíduo não seja dotado nem de razão nem de sensibilidade, no sentido mais conhecido, que implica a posse de uma mente com uma central definida do ponto de vista anatômico e fisiológico.

¹¹ Ainda de acordo com FELIPE, S. T. (2009, p. 11) a ética sensiocêntrica se baseia na ideia de que: *Animais*, no sentido que designa um dos três reinos da vida, são seres que nascem livres. Sua condição de *indivíduos* se mantém por autoprovimento. A condição de ser obrigado a mover-se no ambiente natural e social para autoprover-se pode ser compreendida como uma espécie de liberdade física negativa ou autonomia prática

Em contrapartida, a existência de valores morais baseados unicamente na existência de homens e animais, centra a questão do *Dever* em uma esfera em que não há espaço para a existência de valores que possuem sua existência para além da experiência sensível¹². Como consequência imediata disto, esses valores extraídos de questões como liberdade de viver segundo o aparato biológico, ou segundo a existência em um ecossistema, não se funda em nenhuma base que pretenda ser objetiva. Não respondendo, portanto, questões como: por que não se deve tirar uma vida por mero interesse? Por qual motivo é imoral torturar bebês? As éticas teleológicas, não possuem uma base sólida para esses problemas.

Diferente dos princípios do Princípio do Bioético, estes possuem fundamento na percepção do homem sobre o valor de si mesmo, baseado em padrões universais de conduta como já discutidos aqui, que são: não-maleficência (evitar o mal), Beneficência (fazer o bem), Justiça (tratar com equidade) e autonomia. Neste sentido, a primeira discussão das unidades de sentido encontrada, foi justamente a tensão existente entre uma ética biocentrista e a antropocêntrica.

Na primeira unidade de sentido descoberta, apresentou-se como uma das unidades do fenômeno, a ideia de que a vida humana não possui valor diferenciado da vida animal não-humana. Abaixo estão as transcrições que evidenciam melhor a discriminação da unidade de sentido captada a partir da seguinte questão abaixo:

QUESTÃO 2 - Ainda em relação à vida humana, ela possui valor diferenciado em relação à vida animal extra-humana? Por favor, explicita sua posição.

Unidade de sentido: visão na qual a vida do humano tem valor “acima” da vida animal não passa de uma construção.

Quadro - 1

Questão 2	Questão 2	Questão 2	Questão 2
E1	E3	E4	E5

¹² Como afirma Jonas (2008, p.23): “com determinismo não há ética, ou sem liberdade não há dever.” Aqui Jonas demonstra que a visão de uma ética não fundamentada na metafísica (o que está para além do físico), ou seja, materialista, resulta em determinismo e consequentemente na ausência de valores morais.

<p>Essa questão de valor diferenciado é uma questão mais religiosa do que biológica. Então, não tem essa de que um vale mais e outro vale menos (...) elas têm o mesmo valor biológico; Essas e outras regras, que a gente cria, vêm muito do antropocentrismo nosso que vem junto dessa questão da diferenciação da vida humana, da vida não humana, ou outros animais. Isso é uma construção social, antropocêntrica.</p>	<p>De forma alguma! Não, porquê não tem essa questão de que, nós poderíamos dizer... especismo, né? "Somos mais importantes". Não. Acho que não tem essa não. Pra mim, vale tanto quanto a vida de qualquer animal aí. Novamente minha opinião: não acho que humano tem alguma coisa de especial em relação a outros seres. Isso é uma construção social.</p>	<p>Nós seres humanos encaramos que o planeta foi feito para atender ao ser humano, e essa visão é errada. Entendeu? Nós quanto componentes da biota somos iguais às plantas, aos animais, afim, a todos os seres vivos. Nós não somos melhores nem piores, nós somos mais um componente. Entretanto, a visão errada é de que o planeta foi feito pra gente.</p>	<p>Eu acho que... Valor diferenciado... Quando se trata de vida humana, a gente tem uma cultura, a gente tem toda uma construção que torna... Essa visão com um determinado valor. Essa visão com um determinado valor. Para a humanidade, digamos assim, a vida humana, ela tem um valor maior que a vida animal. Não que seja uma vida diferente, mas há uma construção cultural por trás de tudo isso. Dependendo da cultura que você esteja trabalhando, a vida humana tem um peso maior.</p>
---	---	---	---

Fonte: elaborada pelo autor da pesquisa (2017).

A postura adotada pelos pesquisadores tem, em parte, origem no século XVII e XVIII, onde a partir do desenvolvimento do método científico e da influência de filósofos como David Hume, o conhecimento da realidade, era dado apenas pela apreensão do fenômeno de maneira empírica. (LAUBE, L. 2010, p. 1). Assim sendo, a ciência atual, herdeira dessa tradição, nega qualquer tipo de realidade não observável, mediante experimentação, no homem. No século XVIII, a concepção de humanidade, passou ainda mais por modificações, impulsionada pela ideia de que o conhecimento do real, apenas poderia ser alcançado, por meio do conhecimento das partes de um objeto (amostra), alcançando assim, a totalidade do mesmo (reducionismo). (BRUSTOLIN, L. A. 2010, p. 84-85)

Com o homem não foi diferente, a partir da aceitação do método reducionista, ele próprio, passou a ver a si mesmo, como o resultado de partes menores, não mais como uma unidade. Sendo assim, suficiente para compreender a unidade do mesmo, esse reducionismo, exauri toda ideia de subjetividade de um ser capaz de linguagem, costumes, cultura, religião, etc. (BRUSTOLIN, L. A. 2010, p. 84). A condição de ser aparentemente explicado como algo formado de partes que compreende um conjunto complexo de mecanismos, subentende a inexistência de qualquer ordem subjetiva, pois, esta independe da ordem da matéria.

Quando o Inglês Charles Darwin publicou, em 1859, *A origem das espécies*, sua obra prima, trouxe grande influência para o desenvolvimento da biologia, onde sua nova abordagem para a origem das espécies e sua diversificação, provocou mudanças na perspectiva de como a academia viria a ver o próprio homem. A partir daí, o indivíduo humano não mais era considerado como mais importância que um animal, mas por ser ele, originado a partir de outros animais, aqueles não eram mais o “centro do universo”. Contudo, a partir das influências do pensamento darwiniano, a ciência atual trilhou para uma visão cada vez mais naturalista do homem, esquecendo-se da sua capacidade de simbolização, introspecção¹³ e capacidade de perceber intuitivamente certos deveres morais de uns para com os outros.

No entanto, por volta do começo do século XX, com o Reverendo Fritz Jahr e com Aldo Leopold, a Ética da Terra passou a ser uma corrente de grande força dentro da bioética, colocando a coletividade “terra” acima do indivíduo humano, onde nenhum animal específico merece ser preservado mais do que outro. Para Aldo Leopold os seres humanos, não são dominadores da natureza, mas, apenas, participantes do ecossistema terrestre, assim como os outros seres vivos e os entes não vivos como água e solo. (SASS, H. M. 2011, p. 279). Tal postura pôde ser vista mais fortemente em alguns, que em outros nas unidades de sentido da tabela 1. Para o pesquisador E1, essa postura pode ser bem observada quando o mesmo afirma: “*Essa questão de valor diferenciado é uma questão mais religiosa do que biológica. Essas e outras regras, que a gente cria, vêm muitas do antropocentrismo nosso [...]*”, evidenciando a ideia de que o ser humano é explicado, apenas, em termos naturalistas¹⁴. Porém, para o quarto entrevistado, a ideia de homem entendido apenas em sua coletividade com a natureza, como mais um componente dela, é vista com maior ênfase: “*Nós quanto componentes da biota somos iguais às plantas, aos animais, enfim, a todos os seres vivos.*” Esta postura, está em desigual acordo com os princípios e deveres que os biólogos, em geral, deveriam cumprir. Segundo o Código de Ética do Profissional Biólogo (BRASIL, 2002, art. 6):

IV - Contribuir para a melhoria das condições gerais de vida, intercambiando os conhecimentos adquiridos através de suas pesquisas e atividades profissionais; V –

¹³ Termo utilizado geralmente na psicologia, para designar a capacidade do homem de avaliar seu “interior”, ou seja, observar seus próprios estados mentais (ABBAGNANO, N. 2007. p. 58).

¹⁴ O naturalismo é admitido como uma doutrina, segundo a qual, a natureza é tudo que existe. Sendo assim, o homem e suas manifestações (arte, religião etc.) deve ser entendido como o resultado de fatores puramente naturais. (ABBAGNANO, N. 2007. p. 698)

Contribuir para a educação da comunidade através da divulgação de informações cientificamente corretas sobre assuntos de sua especialidade, notadamente aqueles que envolvam riscos à saúde, à vida e ao meio ambiente;

De acordo com o disposto nesse capítulo, a melhoria das condições gerais de vida e sua contribuição para à comunidade como propagador de informações cientificamente corretas, está em desacordo com a postura de que a vida humana possui o mesmo valor de existência, que outro ser da biosfera. A esfera de violência causada pelo próprio homem, ao homem no século XX e nos séculos passados, mostra que a mínima perda da noção de dignidade da vida humana, levou a regimes de escravidão, e a sacrifício de milhões para justificação de utopias como no Nazismo e no Comunismo.

Sendo assim, tomar o ser humano como mero componente da biota, sem considerar cada indivíduo humano, além da coletividade “humanidade”, ou ainda “biosfera”, é retirar-lhe toda ideia de sacralidade da vida humana, de sua dignidade e sua inviolabilidade. Afinal, se a vida animal pode ser violada pelo ser humano, e aquele não possui valor diferenciado deste, segue-se que, a vida humana pode ser violada, dependendo do fim.

Para a biologia, que por sua vez deve ter o comprometimento de proteger a vida, como seria possível, um biólogo, invocar algum imperativo ético que proteja a natureza sem anular a condição de sacralidade da vida humana? Para Jonas (2008, p. 4) o ser humano deve:

(...) procurar não só o bem humano, mas também o bem das coisas extra-humanas, isto é, ampliar o reconhecimento de 'fins em si' para além da esfera do humano e incluir o cuidado com estes no conceito de bem humano. Nenhuma ética anterior (além da religião) nos preparou para um tal papel de fiel depositário - e a visão científica de natureza, menos ainda. Esta última recusa-nos até mesmo, peremptoriamente, qualquer direito teórico de pensar a natureza como algo que devemos respeitar - uma vez que ela a reduziu à indiferença da necessidade e do acaso, despindo-se de toda dignidade de fins.

Ou seja, para reconhecer os fins em si mesmos para além da esfera humana, é essencial recorrer à ideia de fim em si mesmo em cada ser individual. No caso daqueles que ainda iriam tornar-se seres humanos conscientes capazes de decidir (as futuras gerações) Jonas (2008, p. 48) afirma: “(...) nós não temos o direito de escolher a não-existência de futuras gerações em função da existência da atual, ou mesmo de as colocar em risco.” Jonas estava refletindo sobre as possíveis consequências da técnica para a alteridade futura, e que devemos agir de forma a não sacrificar as gerações futuras. Tal prudência possui centralidade para aqueles que alertam sobre o desmatamento, poluição e destruição dos recursos naturais.

Contudo, agir com tal cautela afirmada por Jonas, o ser humano também tem o dever para com toda a alteridade atual e do porvir, o que inclui todos os nascituros. O nascituro, ou todos os nascituros, não tem menos importância de serem protegidos, do que as futuras gerações das catastróficas ações humanas na terra. Aqui é invocado, como argumento contra o aborto, uma das categorias propostas por Hans Jonas: a Heurística do Medo, que é definida como: a capacidade humana de solucionar problemas imprevistos, servindo como critério seguro para a avaliação dos perigos apresentados pela técnica. (BATTESTIN, C; GHIGGI, G. 2010, p. 7). Jonas utilizou tal categoria em relação aos perigos da técnica, todavia, a amplitude do imperativo de Jonas, foi usada aqui, como no sentido que Jonas (2008, p.351) define “medo”, afirmando que:

[...] O medo que faz parte da responsabilidade não é aquele que nos aconselha a não agir, mas aquele que nos convida a agir. Trata-se de um medo que tem a ver com o objeto da responsabilidade.

Por esse motivo, a Heurística do Medo aplicada ao problema do aborto, é um caminho que ajuda o ser humano a questionar, qual o futuro do homem caso o aborto seja banalizado. A evidente consequência baseada no que foi argumentado até aqui, é a perda da noção de dignidade da vida humana. E esta, como sendo a base para a visão de proteção à Natureza como pontua Hans Jonas, a alternativa mais racional para a biologia, é aceitar que o ser humano, deve ser respeitado e protegido, desde a concepção. Jonas (2008.p. 47), incluindo a natureza e o ser humano como “fins em si”, afirma: “Aja de modo que tua ação não sejam destrutivos para a possibilidade futura de uma tal vida.”

3.2 Abortamento e início da vida

Quais os parâmetros que podem ser utilizados para definir quando começa a vida? É este problema essencial para a discussão sobre a moralidade do abortamento? É neste sentido, que a discussão das entrevistas continua, buscando problematizá-la e mostrar sua real importância. A ideia de trazer o problema do início da vida na pesquisa foi para sondar justamente sua importância para o tema, por isso, foi posta a seguinte pergunta:

QUESTÃO 4: A biologia possui argumentos que possam auxiliar no debate sobre o abortamento voluntário? Por favor, esclareça a sua posição.

Unidade de sentido: Percepção de que o início da vida seja um fator importante no debate sobre o abortamento provocado.

Quadro 2

Questão 4	Questão 4	Questão 4	Questão 4
E1	E2	E3	E6
Pois é, é uma questão social. Uma questão de valores morais. A biologia... Acho que não tem muita preocupação em responder esse tipo de coisa. Ela talvez possa auxiliar numa definição, por exemplo, do que é vida do que não é vida; do que é consciência do que não é consciência, para que sejam tomadas algumas posições sociais (...)	Tem uma questão básica, que é: quando começa a vida? E aí a biologia tem um papel fundamental... Uma questão que se fala do aborto é: quando o feto começa a ter, por exemplo, sentir dor? Então, a biologia pode responder essa pergunta, né?! Quando é que começa a sentir dor. Ter alguma sensação de incômodo que poderia justificar: ah você não pode fazer aborto nesse momento porque o feto percebe, já tem várias sensações. Isso é papel da biologia.	(...) a biologia ela poderia fornecer o ponto de que “a partir desse determinado momento, esse... Eu não encaro pelo menos no meu pensamento, como uma parte da biologia. A biologia pode guiar o pensamento: até aqui é um embrião formado, um feto (...)	Em relação à vida existir em uma célula. Mas auxilia a mim. Todo o conhecimento, a filosofia, a biologia, acho que todo ele auxilia. Não consigo descartar todo tipo de conhecimento.

Fonte: elaborada pelo autor da pesquisa (2017).

Diante do que foi exposto e argumentado até aqui, e seguindo a argumentação anterior, o reconhecimento da sacralidade da vida humana, seja na coletividade ou dentro de um contexto privado, individual, é essencial para que seja mantido um horizonte de cuidado para com a alteridade futura. Para o problema do abortamento, o mesmo imperativo é evocado, apesar de o mesmo, ter sido criado, com o fim de proteger a coletividade futura, pelas ações da presente, ou ainda, promover à futura, em detrimento da atual. Sendo assim, Jonas (2008, p. 48), afirma: “nós não temos o direito de escolher a não-existência de futuras gerações em função da existência da atual, ou mesmo de as colocar em risco.”

Porém, esse imperativo só poderia ser evocado para o problema do abortamento, caso se o mesmo fosse executado em seres humanos propriamente ditos. Apesar de haver grande discordância de quando começa a vida humana, e quando e se ela pode ser violada, os professores e pesquisadores envolvidos, verbalizaram suas posições sobre a importância da biologia como ciência neste debate, e foi identificada a seguinte unidade de sentido: *Percepção de que o início da vida seja um fator importante no debate sobre o aborto. Mesmo*

a unidade de sentido indicando que o início da vida seja um fator importante no debate, algumas outras questões surgiram no conjunto, dentro das expressões de cada unidade de significado. O primeiro entrevistado apesar de não concordar claramente que a questão do abortamento tem alguma importância para a biologia, este afirma também que: “Ela talvez (a biologia) possa auxiliar numa definição, por exemplo, do que é vida do que não é vida; do que é consciência do que não é consciência, para que sejam tomadas algumas posições sociais.” Como afirma Barchifontaine (2010. p. 43): “A resposta sobre a origem de um indivíduo será decisiva para determinar se abortamento é crime ou não, e se é ético manipular embriões humanos em busca da cura para doenças como o mal de Alzheimer e deficiências físicas.”

A condição de vida humana no embrião, não é aceita por muitos defensores do direito ao abortamento induzido. Argumenta-se aqui, que a certeza quanto à vida humana no embrião é impossível, visto que:

Primeiro: a grande maioria dos zigotos não se implanta no útero; será possível que a natureza desperdice tantas pessoas ao eliminar tantos zigotos? Segundo: antes da nidação não existe individualização, e sem individualização não se pode falar de pessoa. Terceiro: para que haja pessoa, se requer informações genéticas que não estão presentes no zigoto; é preciso também informações operativas exógenas e a informação que possui o zigoto é operativa para gerar os processos ulteriores do desenvolvimento. Quatro: entre o zigoto e a pessoa futura não existe relação física contínua, como da potência ao ato, porque o zigoto sozinho é potência em termos de informação genética; se não entram em jogo muitos elementos exógenos, a potência que é o zigoto nunca passará a ser ato; somente com seis a oito semanas o embrião terá as características de formação física e fisiológica. Quinto: o processo do zigoto para a pessoa futura não é um contínuo físico senão um desenvolvimento em continuidade, porque no período inicial embrionário (seis a oito semanas) sucedem importantíssimas e decisivas mudanças qualitativas. (BARCHIFONTAINE, C. de. P. 2010. p. 52)

Todavia, a centralidade desses argumentos carece da informação central sobre a vida biológica, que mesmo não tendo havido implantação do zigoto no útero, este já é individualizável, por ter corporeidade, e possuir um conjunto genômico distinto, sendo assim geneticamente único por receber material genético de seres também distintos. (MORE, K. L.; PERSAUD, T. V. N.; TORCHIA. M. G. 2013).

Para certos autores, a referida condição de humanidade desde a concepção, não os torna com os mesmos direitos que salvagam a vida de seres humanos adultos. Para Enghelhardt (2008, p. 170), apenas aqueles que são capazes de resolverem conflitos morais e pensar sobre eles, é um ser dotado desses direitos, seres humanos que não se enquadram neste contexto, são ainda humanos, mas não são *pessoas*. Dessa forma:

Os fetos, os bebês, os deficientes mentais e aqueles que se encontram em coma, sem possibilidade de recuperação, são humanos, mas não são pessoas. São membros da espécie humana, mas não desfrutam por si mesmos, uma posição na comunidade moral secular. Essas entidades não podem acusar nem elogiar, nem são dignas de acusação ou de elogio; não podem fazer promessas, entrar em contratos ou chegar a um acordo de beneficência. Não são participantes principais na realização moral secular. (ENGHELHADT, T. 2008, p. 174)

No contexto citado acima, também não seriam *pessoas*, os anestesiados, o adormecido, os bebês de várias idades, além de doentes em coma. Pois, para ter a capacidade de decidir, necessitam ter um conjunto de qualidades para ser “*pessoa*”, tais como autoconsciência, capacidade de se relacionar com outras pessoas e senso moral, ou seja, a capacidade de exercer a faculdade da razão. (MARCHIONNI. A. 2008. p. 243).

O ser humano é dotado de razão, mas em muitos momentos não pode exercê-la, ou porque ainda não possui essa capacidade, ou não pode por causa de um estado de inaptidão temporária ou não de exercê-la. No caso de seres humanos que estão dormindo, estes não podem exercer a razão e tomar decisões morais nestes momentos, assim como um senil não pode mais exercê-la, não devemos trata-los como menos pessoas do que aqueles que estão dormindo. Neste sentido, ambos possuem *razão em potência*, pois, o ser humano em tal estágio, tem a capacidade virtual de decidir e entender. O embrião-feto, os bebês, são virtualmente capazes de decidir, o que é impossível para um ser de outra espécie. Nesse sentido, os senis, os dormentes e os fetos, são *virtualmente* capazes de decidir. (MARCHIONNI. A. 2008. p. 345).

Mediante a ideia de razão em potência, tanto um bebê recém-nascido quanto um óvulo recém-fecundado, são incapazes de decidir por si mesmo, e possuem a mesma capacidade em potência de decidir, se este processo de alcançar em ato o que é ainda virtual, não for interrompido. Analisando esse problema mostra-se claro que interrompendo a gravidez, baseada na ideia de que os mesmos não são “*pessoas*”, justifica também, a morte assistida ou não de idosos severamente senis, recém-nascidos, adultos anestesiados, por motivos como o bem estar econômico, psicológico, ou como exercício da autonomia. Este último é bastante sugerido como argumento para aqueles que defendem o abortamento, como forma de exercício da autonomia das mulheres sobre “*seus corpos*”. Biroli (2014. p. 7) afirma: “(...) o direito a decidir sobre manter ou não uma gravidez faz parte do direito a decidir sobre o próprio corpo, que por sua vez faz parte dos direitos individuais básicos.”

Este princípio evocado acima seria a manifestação do princípio da autonomia, que na bioética, tem sido um dos pilares da teoria principialista, e sendo bastante evidente, que este princípio, deve ser levado em consideração na presente discussão. Contudo, a rejeição do *status* de ser humano detentor de direitos ao embrião-feto, torna a discussão sobre o abortamento impossível, já que a mesma torna-se polarizada por eufemismos, como: “direitos reprodutivos”, “direito de decidir” e “autonomia”. Pois, a autonomia como foi colocada anteriormente, é uma condição de liberdade irrestrita agindo a partir de interesses em detrimento de outro (DALL’AGNOL, D. 2004. p. 32). Como pontua Beauchamp e Childess (2001, p. 64) apud Dall’Agnol (2004, p. 32): “Devemos respeitar as visões dos indivíduos, na medida em que seus pensamentos e ações não causem danos a outras pessoas.” A autonomia sem restrição, pode causar dano a outrem, que no caso do abortamento, se caracteriza, baseado no que foi exposto acima, um ser humano que deve ser respeitado. Pois, este princípio: “(...) fundamenta-se na convicção de que a pessoa humana seja tratada como autônoma e, quando essa capacidade estiver diminuída, seja tratada com respeito e proteção.” (NODARI, P. C. 2010, p. 73). Negar essa proteção e respeito ao embrião-feto, é negar a proteção a qualquer outro humano incapaz de exercer essa autonomia, seja momentaneamente ou permanentemente.

Essa “autonomia” defendida pelos defensores do abortamento, atenta contra a vida humana e contra os princípios centrais da bioética. Como já foi mencionado apesar dos limites da teoria principialista, ela nos guia para tomada de decisões que priorizem a qualidade da vida de um em detrimento da vida de outro. O princípio da não maleficência e o princípio da beneficência são essenciais para não intervenção egoísta, seja por parte de familiares que não querem se responsabilizar com a vida, ou por parte daqueles que fazem parte da assistência à saúde. O respeito à autonomia, não pode ser admitido, caso essa ação autônoma exija dano a outro (não maleficência).

Independente de haver ou não ponderação sobre o início da vida humana seja por quais motivos forem, é indubitável que este possui centralidade no debate sobre o abortamento. Nada obstante, é imprescindível, diante do exposto, que os problemas em torno da bioética, necessitam ser analisados por óticas distintas, como o foi até aqui. Na tabela 2, que foi exposta as unidades de sentido do entrevistado, o E7, além de afirmar que a vida existe desde a célula, também não exclui a importância de todas as áreas do conhecimento para auxiliar os cidadãos, na tomada de decisão correta. E, toda decisão, por ter subentendido uma *opinião*, e esta, ter sido influenciada por falsos pressupostos, e informação científica duvidosa, cabe ao biólogo, à responsabilidade ao emitir opiniões sobre a vida e o

abortamento, ter o bom senso e admitir que ao interromper uma gravidez, interrompe-se uma vida humana, e não, uma coisa.

3.3 Ética relativista e o problema do abortamento

Quando foi abordada neste trabalho a distinção entre as éticas Teleológicas e Deontológicas, a centralidade da definição se baseou na ideia da possibilidade da existência de valores absolutos independentes das crenças morais e, por outro lado, uma vertente que prevalecia a finalidade da ação como justificativa moral. Esta última, teleológica, afirma a inexistência de valores reais, objetivos, que como consequência, esses valores sobre bem e mal, dependeriam unicamente da vontade do sujeito. Como exemplo dessa concepção, existe o egoísmo ético, epicurismo, hedonismo e utilitarismo (DALL'AGNOL, D. 2004, p. 20).

Para aqueles que defendem a prática do abortamento, a questão parece seguir na vertente relativista, pois, é mais fácil justificar o mesmo, se não existir valores morais que independem das vontades humanas, justifica-se absolutamente tudo. Fazer abortamento ou não fazer é, apenas, uma questão do que o sujeito pensa ser moralmente aceitável. Tomando esse ponto como referência, por qual motivo a morte de um ente qualquer também não seria justificada a partir das convicções morais de um sujeito? Esses problemas foram revelados na unidade de sentido subsequente.

QUESTÃO 6 - Em que medida há relação dessa consciência ética com o fenômeno do abortamento voluntário? Por gentileza, explicita sua posição.

Unidade de sentido 1: A consciência ética em relação ao abortamento deve ser de acordo com as convicções individuais.

Quadro 3

Questão 6	Questão 6
E1	E2
É uma questão de visão de mundo, e o que você acha correto na sua visão de mundo. Uma pessoa que acha errado fazer aborto, ela precisa simplesmente não fazer (...) então, essa ética, ela precisa ser moldada nessa construção.	Então, ética como não é uma coisa universal, é uma coisa pessoal, então, aí depende de como a pessoa vai utilizar, ou quais são os princípios éticos da pessoa. Dependendo de como ela faça sua reflexão sobre essas questões morais, ela vai ter uma opinião a favor ou contra o aborto.

Fonte: elaborada pelo autor da pesquisa (2017)

Esta categoria é de grande importância para o entendimento do contexto social em que a ideia de moral, aborto e dignidade da vida ocorre. Aqui, foi identificado, o que é característico da sociedade Pós-moderna, a pluralidade de ideias sobre a moralidade, é consequência da pluralidade de visões de mundo que existe atualmente. Isso ocorreu graças à dissolução das culturas dominantes nas democracias. (ENGELHARDT, T. 2008. p. 31).

No primeiro entrevistado E1, a consciência Ética, ou seja, a avaliação moral diante da vida deve ser dada de maneira livre, sem coerção alguma: “É uma questão de visão de mundo, e o que você acha correto na sua visão de mundo. Uma pessoa que acha errado fazer aborto, ela precisa simplesmente não fazer (...) então, essa ética, ela precisa ser moldada nessa construção”.

A legitimidade do problema, de outras visões morais seja imposta ao outro, é um dos problemas de existir uma abordagem que una todos os estranhos morais. Para Engelhardt (2008. p. 31), no contexto atual, secular: “as virtudes são esvaziadas de essência moral. Aquilo que antes eram importantes questões de carácter moral torna-se questão de gosto.” O grande problema dessas abordagens *relativistas* à ética, é que apesar de ser um fato de existirem concepções distintas de bem e mal, essas visões muitas desprezam a dignidade da pessoa humano, por isso, caso elas se Universalizassem certamente levaria às violências constantes. Dessa forma, entendemos que o limite que deve ser tolerado entre liberdade de escolha, e intervenção em relação à vida, está justamente no sentido, de que esta ou aquela prática, torna o ser humano, como coisa e não como alguém. Afinal, se algo é cientificamente reconhecido como vida humana, este algo, não se torna menos humano, e conseqüentemente com menos direitos, outrem não acredite que o mesmo seja tão humano quanto ele próprio.

Essa visão de relativismo vem acompanhada da noção de que não existem valores morais objetivos, independentes de nossas crenças pessoais. No entrevistado E2, esse pensamento é visto com mais clareza:

Então, ética como não é uma coisa universal, é uma coisa pessoal, então, aí depende de como a pessoa vai utilizar, ou quais são os princípios éticos da pessoa. Dependendo de como ela faça sua reflexão sobre essas questões morais, ela vai ter uma opinião a favor ou contra o aborto.

Se não existem valores morais independentes de nossas crenças, então, não há como julgar qualquer ação como boa ou má, seja o assassinato de uma inocente, seja estupro, roubo, etc. Como já citado existe uma grande miríade de abordagens *teleológicas*, como: egoísmo

ético, ética utilitarista, Hedonista, estoica. Todas essas são variações de éticas que negam a existência de valores morais independente dos agentes morais. A ética utilitarista tem como fundamento, a centralidade do bem-estar como primazia para a escolha de uma ação (DALL'AGNOL, Darlei. 2004, p. 20). Esta, como sendo boa à medida que se maximiza o bem-estar e a felicidade, ou seja, algo é útil para alguém, à medida que promove a felicidade e o bem-estar, ou minimiza o sofrimento da maioria. É nessa linha de raciocínio, que alguns defensores do abortamento polarizam o debate:

A decisão individual sobre recorrer ou não a um aborto pode ser definida como uma decisão de caráter moral. Isso significa, basicamente, que há questões moralmente problemáticas em jogo, valores relevantes para o indivíduo que serão considerados em sua decisão. Esses valores poderão estar na base das motivações de uma mulher para manter uma gravidez indesejada, uma gravidez relativamente a qual tem sentimentos e julgamentos ambíguos, uma gravidez que *frustre o que entende como condições adequadas de vida para si ou para os indivíduos que lhe são próximos.* (BIROLI. F. 2014. P.7.)

A argumentação destacada acima evidencia a Ética utilitarista para justificar a prática do abortamento. Aqui não é discutido se o embrião-feto é vida ou não, mas, se a gravidez é indesejada ou não. Afinal, uma gravidez não desejada, frustrará “condições adequadas de vida” para os envolvidos. O grande problema das éticas relativistas, como a Utilitária, é que qualquer ser humano, pode tornar-se meio para alcançar o bem-estar, ou evitar frustrar eventuais planos. Com isso, caso os biólogos adotassem essa visão para o abortamento, deveriam adotá-la também para a natureza, e para todas as formas de vida, justificando-se como consequência, a extinção de várias espécies para construção de um determinado empreendimento, como exemplo.

3.4 A área de formação não ajuda na resolução de questões éticas

Todas as ciências atualmente possuem seus problemas segregados de praticamente de todas as áreas, estando o cientista, muitas vezes, em estado de completa ignorância em relação aos conhecimentos de outras áreas. Mesmo sendo evidente que a ciência não possui métodos para o estudo de questões relacionadas diretamente à ética, por exemplo, ela não deve estar completamente distante desse campo, já que, a atuação profissional do cientista, exige a precaução preventiva das novas descobertas.

Com a biologia, o problema não é diferente: a biologia têm desenvolvido técnicas que futuramente serão possíveis à criação de seres humanos em laboratório, de órgãos orgânicos,

além de diversas questões sobre o desenvolvimento engenharia genética, que pouco é debatido em nível de bioética dentro da biologia. Sendo assim, a premente discussão é necessária, o que tornou possível ao ser discriminado a última unidade de sentido encontrada. Esta teve como base, a mesma questão da unidade de significado anterior:

QUESTÃO 6 - Em que medida há relação dessa consciência ética com o fenômeno do abortamento voluntário? Por gentileza, explicita sua posição.

Unidade de sentido 2: Consciência ética depende da formação do sujeito, mas a área de formação não ajuda na resolução de questões éticas

Quadro 4

Questão 6	Questão 6
E3	E6
Acredito que deve ter pessoas que são movidas por determinados interesses. Que veem algum conflito... Na área que eu atuo, por exemplo, essa questão de ética não tem valor algum. Pelo menos na minha área. É que é complicado! Eu sou -. Eu trabalho com -. - todo mundo quer morta, aí é difícil. [...]	Depende bastante. Acho que da formação da pessoa. Por exemplo, na minha época, nunca vi nenhuma disciplina de ética. A gente mais ou menos tateava, não tendo uma consciência ética muito elucidada. São as discussões, na verdade, que vão nortear essa consciência.

Fonte: elaborada pelo autor da pesquisa (2017).

A segunda categoria encontrada pode remeter a anterior no sentido de que a consciência ética em relação ao abortamento, é uma questão de convicções. Contudo, esta evidenciou uma unidade de sentido distinta, que foi a ideia de que não há ou não houve grande importância da ética nas respectivas formações ou área de atuação sobre problemas relacionados à ética. O entrevistado E3 afirma:

Acredito que deve ter pessoas que são movidas por determinados interesses. Que veem algum conflito... *Não sei. Na área que eu atuo, por exemplo, essa questão de ética não tem valor algum.* Pelo menos na minha área. É que é complicado! Eu sou ¹⁵. Eu trabalho com -. - todo mundo quer morta, aí é difícil [...].

Tal unidade de sentido mostra o grande problema na formação dos biólogos em relação à formação em bioética, como disciplina essencial para a boa prática da ciência. Por ser a bioética uma disciplina interdisciplinar e transdisciplinar na área das ciências da vida, (BARCHIFONTAINE, C. de. P. 2010. p. 53), sendo uma abordagem que ultrapassa as

¹⁵ Aqui foi omitida qualquer informação que pudesse facilitar a identificação do sujeito entrevistado.

barreiras da especialização, existe o desprezo pelo conhecimento de outras áreas, sendo comum dentro das ciências. (POMBO, O. 2005 p. 8). Pombo (2008) ainda afirma:

(...) **do ponto de vista institucional**, a especialização tem consequências gravíssimas. Como sabem, a ciência é hoje uma enorme organização dividida internamente por inúmeras comunidades de pares, cada uma com os seus congressos, as suas revistas, as suas bibliotecas, os seus territórios, os seus espaços institucionais, etc. Essas comunidades constituem agregados competitivos que lutam por apoios, subsídios, financiamentos, bolsaios, novos equipamentos, etc. Já não se trata de os cientistas viverem de costas voltadas uns contra os outros, de desconhecem o que estão a fazer os seus colegas "três portas abaixo no corredor".

Tal desprezo está no cerne do não reconhecimento de alguns pesquisadores na ciência, por questões relacionadas à ética. Foi neste sentido que surgiu as disciplinas híbridas, com o objetivo de fundir ciências já estabelecidas, como sociologia e etologia (POMBO, O. 2008, p. 8). Como já foi citada anteriormente, a bioética surgiu com Potter, como uma “ponte”, ou um diálogo entre Ciência e Ética. (SCHRAMM, F. R. 2011, p. 303).

A bioética, por conseguinte, não se dissocia do conhecimento das diversas áreas para resolver as querelas que envolvem a ação correta diante da vida. Assim sendo, a postura de negligenciar áreas como a ética, é negligenciar a bioética, que tenta promover a reflexão sobre a ação das práticas científicas e na saúde, em relação à vida. No E6 que apresentou a mesma tendência, revelou que a formação da pessoa vai fazer com que sua consciência ética sobre o abortamento, é mais bem norteadada pelo conhecimento desses problemas, e ainda afirma que ele: *“Por exemplo, na minha época, nunca vi nenhuma disciplina de ética. A gente mais ou menos tateava, não tendo uma consciência ética muito elucidada. São as discussões, na verde, que vão nortear essa consciência”*.

Apesar de não afirmar que a ética ou a bioética seja importante em sua área de atuação, ele denuncia uma postura ainda muito forte no Brasil, sobre a negligência nos cursos de biologia, sobre a inserção e discussão de temas relacionados à ética e bioética. Em pesquisa realizada em 2011, por Dória e Moreira (2011 p. 106) foi realizada uma sondagem em relação à grade curricular de 36 cursos de Ciências Biológicas em Institutos Federais de Ensino Superior, sendo constatado, que apenas 50% dos cursos analisados possuíam a matéria de bioética e ou com alguma relação com Ética nas grades curriculares (DORIA, T. A. F; MOREIRA, L. M. de. A. 2011. p. 106).

4 CONCLUSÃO

A partir de tudo que foi mostrado e discutido neste estudo, torna inevitável dar a devida atenção aos pontos levantados aqui em relação à opinião sobre o valor da vida e as consequências últimas dessas opiniões em uma esfera mais ampla. Muitas foram as opiniões, sendo bem comum a hiper-valorização da vida humana em relação à vida animal, desvinculando as questões bioéticas, da noção de sacralidade da vida humana. Essa dessacralização torna o homem, facilmente, objeto para quaisquer fins, seja em nome de uma coletividade, como nos regimes totalitários, como para a questão do abortamento. Para os defensores da prática, o “objeto” por ser dessacralizado, sua extirpação é necessário para atingir certos fins, como o bem-estar psíquico da mulher; bem-estar financeiro; bem-estar profissional.

É importante ressaltar, que as consequências da escolha da opinião pró-abortamento, leva inevitavelmente a negar também, a proteção a bebês recém-nascidos, afinal, qual a diferença do que está dentro do útero da mulher para o que está fora? Talvez para alguns, esta última afirmação seja exagero! Porém, foi publicado recentemente em artigo no *Journal of Medical Ethics* defendendo precisamente, o que os autores chamaram de “aborto pós-nascimento”.¹⁶ O eufemismo utilizado aqui, é uma consequência da banalização do próprio abortamento, tornando-o como aspecto da chamada “autonomia reprodutiva” das mulheres.

De acordo com os dados obtidos nas entrevistas, denunciam a relação existente entre as atitudes pró-aborto e noção de valor da vida humana em relação à vida animal. Apesar do objetivo deste trabalho não atestar uma “tendência” com correlações estatísticas, já que, o método utilizado não se propõe a isto, a influência negativa de uma ética darwinista para este problema, manifestou-se claramente diante da exposição dada pelos entrevistados sobre a valorização do homem e do animal¹⁷. Atualmente, a grande tendência de sacralizar a vida animal e tornar a humana passível de ser violada, teve, em parte, influência do filósofo australiano Peter Singer, que defendendo o “direito” ao abortamento, recorre a uma argumentação sem base em valores objetivos, promovendo uma cisão com toda tradição ética ocidental. (FELIPE, S. T. 2001, p. 1).

¹⁶ Ver: Giubilini A.; Minerva F. **After-birth abortion**: why should the baby live? *Journal of Medical Ethics*, nº 39, p. 261-263, 2013

¹⁷ É importante frisar, que essa atitude, reitera a ideia de tentar promover o conhecimento do real, de maneira exclusiva pelas ciências naturais, devendo os cientistas buscar mais conhecimentos de áreas que poderiam ajudar na compreensão de certos problemas não alcançados por esta.

Esse ponto de vista, como já abordado aqui, poderia desenvolver consequências desastrosas para a noção de respeito à vida humana, ou seja, uma crise de valores se fixaria ao imaginário social negativo, em relação ao valor do humano. Tomando o arcabouço da teoria jonasiana, foi argumentado que diante das possíveis consequências danosas da atitude pró-abortamento, o mesmo deveria ser evitado, com base no imperativo jonasiano: “Aja de tal modo a que os efeitos da tua ação sejam compatíveis com a permanência de uma autêntica vida humana sobre a Terra.” (JONAS, H. 2008, p. 47). Mediante isso, a originalidade de uma vida humana autêntica na terra está intimamente relacionada ao problema do abortamento, visto que, a tal vida humana, intrauterina, deve ser preservada a ponto de desenvolver todas as suas potencialidades no futuro.

Para o biólogo que se alinha com essa visão, seu fundamento para uma ética que vise à preservação das espécies, não entra em contradição com sua manifestação contrária à prática, que, como já mostrado, é necessária ao correto exercício das práticas científicas em favor à vida.

Os demais problemas revelados nas unidades de sentido manifestaram-se, muitas vezes, como sintomas da ausência de conhecimento sobre temas relacionados à bioética, como foi visto na segunda unidade de sentido da questão seis. Além disso, a constante dúvida e respostas vagas dadas pelos entrevistados foram a melhor forma de entender o problema da formação dos biólogos, nas questões que dizem respeito à bioética. Com isso, é indispensável que a bioética seja trabalhada com maior rigor e na formação dos biólogos, além de ser necessário o constante diálogo sobre os temas aqui apresentados, para que tais profissionais possam fazer ciência de modo prudente.

ABSTRACT

The present study will about the positioning of biologists concerning the voluntary abortion and related issues the value of life. Because depending on the context in which it is inserted the biologists have the responsibility when asked about those issues gives answer to these dilemmas. Therefore, it is expected that the biologists have awareness and sufficient training to express the own opinions about these themes. For this reason the project proposed a scientific study guided by the Di Giorgi's Phenomenological method, about the view of biologists that working in universities regarding of voluntary abortion. With the objective of analyze critically from the search done with biologists about the topics previously mentioned and showing that there is a incompatibility between the professional ethics and the positioning in favor to abortion.

Keywords: Bioethics. Abortion. Biology.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. 5.ed. Martins Fontes. São Paulo, 2007.
- BARCHIFONTAINE, C. de. P. **Bioética no início da vida**. Revista Pistis Prax., Teol. Pastor., Curitiba, v. 2, n. 1, p. 41-55, 2010.
- BATTESTIN, C.; GHIGGI, G. **O Princípio Responsabilidade de Hans Jonas: um princípio ético para os novos tempos**. Revista *Thaumazein*, Ano III, n. 06, Santa Maria, p. 69-85, 2010.
- BIROLI, F. **Autonomia e justiça no debate sobre aborto: implicações teóricas e políticas**. Revista Brasileira de Ciência Política, nº15. Brasília, setembro - dezembro de 2014, p. 37-68.
- BRUSTOLIN, L. A. (Org). **Bioética: cuidar da vida e do meio ambiente** . 1.ed. Paulus. São Paulo, 2010.
- COLTRO, A. Fenomenologia: um enfoque metodológico para além da modernidade. **Caderno de pesquisas em administração**, v.1, n. 11, p. 38-45, 2000.
- DALL'AGNOL, D. **Bioética – Princípios morais e aplicações**. São Paulo: DP &A, 2009.
- DÓRIA, T. A. F.; MOREIRA, L. M de. A. (2011) **A bioética na formação do biólogo: um desafio contemporâneo**. R. FACED, Salvador, n. 20, p. 99-122, jul./dez. 2011.
- ENGELHARDT JR, TRISTAM. H. **Fundamentos da bioética**. 4.ed.Loyola .São Paulo, 2011.
- FELIPE, S. T. **Da Igualdade: Peter Singer e a defesa ética dos animais contra o especismo**. Revista Philosophica, Lisboa, p. 21-48. 2001.
- Giubilini A.; Minerva F. **After-birth abortion: why should the baby live?** *Journal of Medical Ethics*, n. 39 ,p. 261-263, 2013.
- GIL, A. C. O projeto na pesquisa fenomenológica. In:**SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS**, 4., 2010, Rio Claro. *Anais...*Rio Claro: SIPEQ, 2010.

JONAS, H. **O Princípio responsabilidade:** ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. 1.ed. Contraponto e Puc-Rio. Rio de Janeiro, 2006.

LOCH, J. A. Princípios da Bioética. In: KIPPER, D. J.(Ed.) *Uma Introdução à Bioética: Temas de Pediatria Nestlé*, São Paulo, n.73, 2002. p. 12-19.

MOREIRA, DANIEL AUGUSTO. **O método fenológico na pesquisa.** 1.ed.Thompsom pioneira. São Paulo, 2002.

NODARI, P. C. Pesquisa com seres humanos. In: **BRUSTOLIN, L. A. (Org). Bioética: cuidar da vida e do meio ambiente.** 1.ed. Paulus. São Paulo, 2010. cap. 3, p. 61-78.

PESSINI, L. **As origens da bioética: do credo bioético de Potter ao imperativo bioético de Fritz Jahr.** *Revista Bioética*, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 9-19. 2013

POMBO, OLGA. **Epistemologia da Interdisciplinaridade.** *Revista do Centro de Educação e Letras da Unioeste*, Foz do Iguaçu, v.10, n. 1, p. 9-40, 2008.

POMBO, OLGA. **Interdisciplinaridade e Integração dos Saberes.** *Liinc em Revista*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 3-15, 2005.

SANDI, S. de F.; BRAZ, M. **As mulheres Brasileiras e aborto:** uma abordagem bioética. *Bioética*, V. 18, n. 1, p. 131 -153, 2010.

SASS, H. M. **A Terra é um ser vivo:** devemos tratá-la como tal. *Revista Bioethikos*, Washington D.C, v. 5, n. 5, p. 276-281, 2011.

SCHRAMM, F. R. **Uma breve genealogia da bioética em companhia - Van Rensselaer Potter .** 2011.

SOUZA, V.J. Aborto no Brasil: um resgate das concepções morais católicas em contraposição aos grupos pró-aborto, In: **ENCONTRO NACIONAL DO GT HISTÓRIA DAS RELIGIÕES E D AS RELIGIOSIDADES**, 3, 2009, Maringá.

BRASIL. CONSELHO FEDERAL DE BIOLOGIA. Resolução nº2 de 02 de Março de 2002. Aprova o Código de É tica do Profissional Biólogo. Disponível em:

<http://www.crbio04.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=55&Itemid=85>

DINIZ, D.; ALMEIDA, M de. Bioética e aborto. CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. *Iniciação à bioética*. Brasília: Publicação do Conselho Federal de Medicina. 1998. p. 125-137. Disponível em: <<http://portal.cfm.org.br/images/stories/biblioteca/iniciao%20%20biotica.pdf>>

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

1 – Na sua perspectiva como biólogo, a vida humana, em geral, deve ser preservada a todo custo, ou há casos em que ela pode ser violada? Por favor, explicita sua posição.

2 - Ainda em relação à vida humana, ela possui valor diferenciado em relação à vida animal extra-humana? Por favor, explicita sua posição.

3 - Sua experiência como biólogo ajuda na formação de sua opinião em relação à questão do abortamento voluntário? Por favor, explicita sua posição.

4 - A biologia possui argumentos que possam auxiliar no debate sobre o abortamento voluntário? Por favor, esclareça a sua posição.

5 – O cientista-biólogo precisa ter consciência ética sobre o valor da pessoa humana, quanto a ser vista como “objeto” de experiência e sofrer intervenções por parte da sociedade organizada?

6 - Em que medida há relação dessa consciência ética com o fenômeno do abortamento voluntário? Por gentileza, explicita sua posição.

7 – A seu ver, o fenômeno do abortamento voluntário se deve a quais necessidades satisfeitas no campo da biologia?